

Estudos sobre o “mal-estar” docente e os professores de ciências da Educação Básica

Studies on teacher "malaise" and teachers of basic education sciences

Gardenia Oliveira Muniz¹

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
deniaoliver@hotmail.com

Talamira Taita Rodrigues Brito²

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
taitadoc@gmail.com

Resumo

Este trabalho aborda a problemática inerente ao “mal-estar” docente, ao qual vem atingindo os profissionais que atuam na área de Educação, em especial os professores de ciências da educação básica. Pesquisas evidenciam o mal-estar docente, caracterizando-o por comportamentos que expressam insatisfação profissional, falta de empenho em relação à profissão e desejo de abandonar a carreira profissional. Sendo assim, o objetivo deste estudo é apresentar as condições de trabalho dos professores de ciências, como vivenciam a sua profissão, evidenciando dentre as manifestações do mal-estar, o adoecimento na docência. Pesquisas sobre o tema foram encontradas, entretanto ainda não há estudos referentes a este grupo de professores. Busca-se com esta discussão oferecer aos docentes elementos de reflexão sobre a prática pedagógica, promovendo um olhar crítico sobre sua profissão, além de contribuir para uma compreensão mais ampliada sobre os aspectos que envolvem o trabalho docente, como também a pessoa do professor que o exerce.

Palavras-chave: Trabalho docente, Mal-Estar, Adoecimento e docência.

Abstract

This work deals with the problems inherent in teacher malaise, which has been affecting professionals working in the area of Education, especially teachers of basic education sciences. Research evidences teacher malaise, characterizing it by behaviors that express professional dissatisfaction, lack of commitment to the profession and desire to leave the professional career. Thus, the objective of this study is to present the working conditions of the science teachers, as they experience their profession, evidencing among manifestations of malaise, illness in teaching. Researches on the subject have been found, however, there are no studies regarding this group of teachers. The aim of this discussion is to provide teachers with reflections on pedagogical practice, promoting a critical view of their profession, as well as contributing to a broader understanding of the aspects involved in teaching work, as well as the teacher's exercises.

Key words: Teaching work, Malaise, Deterioration and teaching.

Introdução

Uma reflexão muito necessária no campo da educação é sobre as condições de trabalho dos professores e como estes constituem seu fazer profissional, diante da realidade que atuam. Em 2016 demos início a uma pesquisa nível de mestrado acadêmico sobre aquilo que na literatura é designado como “Mal estar docente”, tendo como público-alvo professores colaboradores de ciências da Educação Básica da rede municipal/estadual de ensino de Jequié/Bahia. Esse trabalho surge diante das inquietações que foram surgindo ao observarmos no dia a dia das escolas o crescimento do número de professores que apresentam atestados médicos, proferem reclamações sobre a vida profissional, ou demonstram expressões de cansaço e desânimo no dia a dia na profissão docente. O objetivo deste estudo é apresentar as condições de trabalho dos professores de ciências, como vivenciam a sua profissão, evidenciando dentre as manifestações do mal-estar, o adoecimento na docência. Para este momento apresentaremos parte de estudos teóricos realizados: levantamento de bibliografia e trabalhos de pesquisas já realizadas.

É possível perceber que, em meio às discussões realizadas sobre o contexto educacional, sempre aparecem temas relacionados às condições de trabalho, surgem também alguns desajustes que são enfrentados na profissão: indisciplina, agressividade, desinteresse, apatia dos alunos, falta de estrutura das escolas, carga horária excessiva, autoritarismo da gestão, conflito entre os pares, salários baixos, falta de prestígio social, dentre outros. Contudo, o que se percebe é que juntamente com todos os problemas que permeiam a escola de maneira geral, aparecem também, as dificuldades que os professores encontram para suportar as situações inesperadas e conflituosas em seu fazer pedagógico (ALVES, 1997). Os atestados médicos viraram um lugar comum de se observar o processo de adoecimento/afastamento do professorado da rede pública de ensino, situação que pode ser observada ao nos voltarmos para a cidade onde a referida pesquisa é realizada.

Esteve (1999), afirma que é possível compreender o “mal-estar” como os efeitos permanentes de caráter negativo que afetam a personalidade do professor em relação a sua profissão. Esses efeitos se referem aos que incidem diretamente sobre o contexto da docência, falta de tempo, isolamento na profissão, a formação não atende as expectativas dos professores, baixos salários, crise de identidade profissional, entre outros.

Por meio de estudos teóricos é possível constatar que o “mal-estar” docente não é um tema recente, mas adquire características particulares da atualidade tornando-se um fenômeno complexo constituído por variados fatores relacionado às transformações que vêm acontecendo na sociedade e no trabalho docente. (ARANDA, 2007)

Desta forma, é de grande importância analisar como os docentes de ciências da educação básica tem se comprometido com sua profissão, e de que forma estes profissionais tem enfrentado o mal estar, assim como a sua relação de afeto, prazer e contentamento diante da profissão que exerce, tendo como efeito muitas vezes o adoecimento no caminhar junto à profissão. O público alvo de nossa pesquisa foi escolhido por uma razão bastante singular, sob nosso olhar: a baixa carga horária semanal dessa disciplina, apresenta como forma de atender às 26 horas de aula o aumento do número de salas e, por consequência, o número de alunos. Tem professores que chegam a assumir 12 salas com aproximadamente 45 alunos. Considerando as questões que envolvem a categoria trabalho/trabalho docente, e levando em conta nossas observações preliminares e conversas iniciais com gestores e professores, é perceptível que o estresse, a irritabilidade, o aparecimento de doenças/ “ficar doente” (gripes,

tonturas, inchaço nas pernas, pressão alta, depressão) com frequência, aumenta no segundo semestre letivo, tanto nas repetições de atestados pela mesma pessoa, quanto no número de docentes a apresentar esse quadro.

É importante entender que mesmo que alguns professores venham sofrendo devido às dificuldades enfrentadas no trabalho, os aspectos negativos do contexto educacional não afetam igualmente todos os professores. Alguns superam as condições de trabalho e conseguem atuar com qualidade, outros reduzem sua eficácia e nem sempre conseguem ter êxito em suas atividades, como também existem aqueles atingidos pelo mal-estar, concretizando em posturas de absentismo, transferência de local de trabalho, desistência da profissão ou adoecimento. (ESTEVE, 1999)

A discussão teórica deste estudo discorre sobre as condições de trabalho e mal-estar dos professores de Ciências da educação básica, apresentando resultados parciais de uma busca por trabalhos de natureza teórica, voltados para os estudos sobre o mal-estar docente. Salientando que entender a forma como o docente se relaciona com o seu trabalho está diretamente associado à qualidade de oferta de um Ensino de Ciência de qualidade para os alunos da Educação Básica.

Os professores de ciências e o trabalho docente

Entre os docentes de ciências é possível observar que desde a formação inicial existe certo distanciamento com a atuação profissional, pois em muitos casos há uma valorização do saber técnico nesta área de atuação em detrimento dos conhecimentos pedagógicos, o que muitas vezes distancia os professores da sua realidade de trabalho. Ao iniciar sua atuação no contexto escolar a maioria destes profissionais se depara com situações bem distintas do que se espera: descobrem que os momentos de discussão pedagógica e da prática docente foram desarticulados com os conhecimentos da área de ensino. (MENDES, 1999)

As questões relacionadas à formação docente, principalmente no que se refere à atuação no ambiente escolar, deveriam ser mais presentes nos cursos de licenciatura. É necessário se melhorar as práticas contraditórias existentes na formação dos professores de Ciências e buscar uma formação mais completa para garantir uma docência de qualidade. Essa é uma tarefa complexa, principalmente pelas limitações dos cursos de graduação e pelo tempo restrito dispensado à formação inicial nesses cursos, no entanto é uma necessidade que precisa ser atendida. (Gil Pérez, 1996 apud Zancul, 2011).

É comum perceber que muitos profissionais, no início da carreira docente, não se vêem como educadores, pois sua formação muitas vezes privilegia a pesquisa, e o ensino considerado com mais entusiasmo são os de conhecimentos específicos da área das ciências do que os saberes pedagógicos, o que gera certa frustração aos que se deparam com a realidade escolar. Formam-se professores com um enfoque que tende a identificá-los com a pesquisa e a ciência pura, na linha das mais tradicionais concepções universitárias, como se todos eles fossem dedicar-se à pesquisa do mais alto nível. (ZABALZA, 2004)

Ao se deparar com o contexto educacional os professores de Ciências, começam a enfrentar alguns dilemas do trabalho docente, a maioria desses profissionais tem carga horária excessiva, atuando muitas vezes nos três níveis de ensino, o que fatalmente acarreta uma sobrecarga de trabalho desmotivando-os a realizar cursos de aperfeiçoamento, o que os impossibilita de buscar novas formas de atuação. (BIZZO, MALACARNE E GARCIA, 2009)

Além disso, a maioria dos professores de ciências precisa complementar sua carga horária com outras disciplinas, já que esta tem um número de aulas menor na grade curricular de

ensino em relação a outras disciplinas do currículo, fazendo como que os docentes desta área sintam-se obrigados a estudar outros campos do conhecimento para realizar seu trabalho, sendo estas apenas algumas contradições vivenciadas no dia a dia docente.

No entanto, percebemos o quanto as habilidades pessoais e profissionais, que são exigidas pela profissão docente, tornam-se difíceis de ser adquiridas. Os professores mostram-se irritados e desmotivados ao falar de seu trabalho, não conseguindo apresentar novas propostas para a sua atividade profissional. Segundo Esteve (1999), muitos educadores enfrentam o mal estar de constatar que as circunstâncias efetivamente mudaram, tornando inúteis seus desejos de manter objetivos que já não correspondem ao contexto social.

Observa-se que os docentes demonstram as angústias, medos e inseguranças, na maioria das vezes, não de forma explícita pela fala, mas por meio de ações. As atitudes são muitas vezes de rejeição e desprezo em relação ao aluno considerando-o incapaz, usando muitas vezes expressões de que não há mais solução. (ESTEVE, 1999)

A situação de insatisfação diante da profissão é observada constantemente nas escolas, por meio de conversas informais com os colegas professores, onde nota-se um crescimento de reclamações relacionadas ao trabalho. Alguns declaram abertamente o desejo de abandoná-la, outros, demonstram esse descontentamento de forma mais sutil através das tentativas de abandonar a profissão, no intuito de se ascender economicamente; outros mantêm a rotina de trabalho sem estímulo, ou até mesmo adoecido.

Assim como aponta Mendes (2002), é preciso compreender e intervir na realidade de trabalho do professor, que de certa forma ocupa um lugar especial na sociedade. Suas atividades quase sempre vêm atreladas às características pessoais de benevolência, vocação, assistência e dedicação, o que torna estes profissionais mais predispostos a conflitos e estresse, quando comparados a outros que não carregam tal estigma.

Diante disso, é pertinente notar que a relação dos professores de ciências com o seu trabalho tem sido apresentada como muito difícil, haja vista que este profissional tem se deparado com várias situações estressantes comuns ao ambiente escolar e ao seu fazer pedagógico. Vale salientar que na pesquisa bibliográfica sobre o tema não foram encontrados relatos referentes ao mal estar docente com professores de ciências, um exemplo que se aproxima do nosso tema de interesse é a pesquisa de Teixeira (2015), que trazem impressões dos professores de ciências sobre a sua profissão sem, no entanto, entrarem no aprofundamento das questões relacionadas ao mal-estar e adoecimento docente entre os professores dessa disciplina. Os estudos nesse sentido são pertinentes para que se possa compreender as condições sociais e pedagógicas desencadeadoras desse fenômeno que atinge de forma crescente o professor no exercício de seu ofício.

Uma análise de estudos sobre o “mal-estar” na docência

Como ocorreu em outras profissões, o trabalho do professor passou por profundas mudanças. Tais alterações não se referem apenas as condições objetivas de executá-lo, elas estão envolvidas também com as transformações do próprio cenário social onde se concretiza. Os professores e o sistema de ensino precisam preparar seus alunos não para uma sociedade do presente, mas do futuro e de um futuro sem dúvida, muito diferente do atual (ESTEVE, 1999, p.21).

Essa necessária renovação da instituição educativa e esta nova forma de educar requerem uma redefinição importante da profissão docente e que se assumam novas competências profissionais no quadro de um conhecimento

pedagógico, científico e cultural revistos. Em outras palavras, a nova era requer um profissional da educação diferente. IMBERNÓN (2009, p.12)

A complexidade da profissão docente aliada às novas exigências profissionais, a partir de um contexto social em acelerada mudança desencadeou aquilo que Esteve (1999), denominou de mal estar na profissão docente, principalmente a partir da década de 90, quando o mundo do trabalho passa por transformações significativas. “Os professores se encontram ante o desconcerto e as dificuldades de demandas mutantes e a contínua crítica social por não chegar a atender essas novas exigências” (ESTEVE, 1999, p.13).

Isso está associado também, segundo NÓVOA (1991), a diversos fatores, como a diminuição do prestígio da profissão docente, destacando-se a obrigatoriedade escolar, a massificação do ensino, o impacto dos meios de comunicação social, a desvalorização do saber escolar, o baixo salário, a feminização e a juvenilização do corpo docente, o elevado número de professores e a baixa qualificação acadêmica de muitos deles.

É comum, na atualidade, ver os docentes sendo alvos de intensas críticas, quando se discute a situação da educação. Uma profissão que vive a degradação das suas condições de trabalho, como é disseminado na mídia e na sociedade em geral, acarretando vários manifestos pelo direito e respeito dos docentes. No seu espaço de trabalho os professores, atualmente, se vêem diante de muitas dificuldades, o contexto social e cultural em que a escola está inserida coloca para os professores novos dilemas focados na dimensão humana e relacional do ensino (NÓVOA, 2009). De acordo com Esteve (1999, p. 27), os possíveis fatores que configurariam a presença do mal-estar do educador referem-se aos que incidem diretamente sobre a ação do professor em seu campo de trabalho, gerando tensões associadas a sentimento e emoções negativas, e fatores relacionados às condições ambientais, ao contexto em que se exerce a docência.

Assim, os educadores precisam estar preparados não apenas cientificamente, baseados de saberes e práticas instigantes, mas também psicologicamente, pois precisam estar emocionalmente equilibrados. E muitas vezes estes profissionais encontram-se desamparados para resolver estas demandas, pois algumas questões sociais inseridas na escola necessitam de respostas sociais. (NÓVOA, 2002)

Observa-se entre os professores um discurso que busca estar em sintonia com os contextos sociais em mudança, apontando para a necessidade destes desenvolverem novas atitudes, atendendo a demanda de uma nova escola. Este novo espaço educativo deve ser capaz de lidar com as exigências da sociedade e de todas as demandas refletidas na escola. No entanto, professores dedicados e envolvidos com seu trabalho, logo percebem a distância entre o ideal e o possível de realizar diante dos enfrentamentos diários no âmbito da escola, perante as contradições e desafios cotidianos.

Marcelino (2011) afirma que as oportunidades de aperfeiçoamento profissional são restritas e os baixos salários têm levado muitos professores ao aumento da jornada de trabalho. Somam-se a esse contexto as cobranças e a excessiva responsabilização pela eficiência e produtividade nas atividades de ensino frente a uma realidade educacional em crise. Buscando atender a estas demandas os professores desenvolvem mecanismos adaptativos que podem os tornar mais vulneráveis fisicamente e psiquicamente resultando, muitas vezes, em adoecimentos.

Entre outros aspectos, é possível presenciar na escola atitudes agressivas dos alunos, desrespeito aos professores e aos próprios colegas além da falta de perspectiva e desinteresse quase total pelo estudo, sendo estes apenas alguns dos dilemas enfrentados silenciosamente no interior das escolas. Os próprios pais declaram sua impotência diante das dificuldades de

lidar com a falta de limites das crianças e jovens e acabam transferindo para a escola este papel. Os valores básicos que antigamente eram transmitidos pela família são hoje uma preocupação de todos aqueles que lidam com os educandos, principalmente os professores (MARCELINO, 2011)

Outros obstáculos enfrentados são a escassez de recursos materiais e deficientes condições de trabalho. É possível perceber que a falta de tempo do professor para atender as múltiplas tarefas, além das aulas, tais como reservar tempo para planejar, atualizar-se, orientar alunos, atender pais, organizar várias atividades, assistir a seminários e reuniões de coordenação, todas estas ocupações poderão contribuir para promover um desestímulo na profissão docente.

(...) o professor está sobrecarregado de trabalho, obrigando a realizar uma atividade fragmentária, na qual deve lutar, simultaneamente, e em frentes distintas: deve manter a disciplina suficiente, mas ser simpático e afetuoso; deve atender individualmente as crianças sobressalentes que queiram ir mais depressa, mas também aos mais lerdos, que tem de ir mais devagar, deve cuidar do ambiente de sala de aula, programar, avaliar, orientar, receber os pais e colocá-los a par dos progressos de seus filhos, organizar diversas atividades para o centro, atender freqüentemente a problemas burocráticos..., lista de exigências parece não ter fim. As investigações sobre o ‘esgotamento’ do professor mostram-no como um profissional ultrapassado, a quem, pela acumulação de responsabilidades e expectativas desproporcionais ao tempo e aos meios de que dispõe, obriga-se a realizar mal seu próprio trabalho. ESTEVE (1999, p.59)

Ao abordar sobre as condições de trabalho de professores de Instituições Federais de Ensino Superior no Brasil, Forattini e Lucena (2015) nos apresentam o docente como um ser amorfo, desefetivado, desprovido da capacidade de racionalizar sua condição de objeto no mundo, demonstrando incidência de mal estares e adoecimentos ocasionados pela profissão. Seja em período de qualificação, em pleno exercício da carreira de magistério, no início ou no final do percurso profissional, o discurso que se ouve nas rodas informais acadêmicas é o quanto de sofrimento emocional, físico e psíquico os professores estão enfrentando no dia a dia do trabalho. A pesquisa acima, realizada por Forattini e Lucena, nos leva a entender que os dilemas vividos devido a intensificação do trabalho, atingem, não apenas os professores da Educação básica, mas os que lecionam no Ensino Superior também, revelando um quadro de “mal estar” e adoecimento em todos os níveis da educação.

A pesquisa de Lima (2000), realizada com professores de escolas privadas, também nos mostra a necessidade de se garantir melhores condições de trabalho para este grupo de profissionais da educação básica, apontando que estes docentes exercem suas atividades sob condições de trabalho precárias, o que revela, a necessidade da existência de política de carreira docente estruturada, para que melhore assim as condições de trabalho destes profissionais.

No contexto do interior baiano, Teixeira (2015) apresenta a realidade dos docentes de ciências por meio das narrativas de professoras que contam que a falta de estrutura das escolas para a realização de um ensino mais aperfeiçoado, como também a forma como as disciplinas são impostas para os professores atuarem, muitas vezes distintas da sua área de formação, são empecilhos para um ensino de qualidade. As docentes que participaram da pesquisa consideram a necessidade de haver políticas públicas mais efetivas, no intuito de melhorar as condições de trabalho dos professores.

No estudo de Codo (2006), é apresentada uma pesquisa realizada com uma amostra de 30 mil trabalhadores em educação, em que aponta como resultado o perfil do professor desanimado, sem perspectivas, aborrecido até dos detalhes insignificantes sobre o seu trabalho, muitas

vezes tratando os alunos de forma distanciada, sem envolvimento, e com baixa qualidade nas práticas educativas. A pesquisa realizada por ele, já esperava encontrar diante da situação limite em que os professores desenvolvem suas atividades pedagógicas, uma classe de profissionais amparada pelo sentimento de desistência por ganhar mal e viver tão mal.

E assim, foi observado um quadro de profissionais demonstrando frustração quase dentro da totalidade do trabalho na escola, em que desmorona o seu idealismo, e cede lugar à exaustão emocional, seus afetos são questionados, sua identidade é contestada. O passo seguinte é o fechamento, depois a despersonalização e, conseqüentemente, a indiferença ou o afastamento de suas atividades. (CODO, 2006, p. 54)

Esteve (1999), coloca que a acumulação de exigências sobre o professor, pode desencadear o esgotamento docente, por meio da falta de compromisso, incapacidade de levar as responsabilidades do trabalho a sério, desmotivação com as praticas educativas, podendo afetar até mesmo sua saúde.

Podemos observar que várias mudanças ocorreram na sociedade e, conseqüentemente, no âmbito escolar, que acabaram por interferir no trabalho e na vida pessoal dos professores, resultando num estado de mal-estar docente. Isto nos leva a crer que a promoção do bem-estar dos professores também passa por iniciativas amplas, no sentido de atribuir maior valor a este trabalho, que é tão imprescindível para toda sociedade.

Considerações finais

Diante da discussão exposta é possível perceber que o mal estar docente tem levado muitos profissionais a vivenciar conseqüências muito sérias em sua carreira. Os professores de ciências da educação básica também vivenciam situações problemáticas, desde a sua formação inicial, até sua atuação profissional, o que nos leva a pensar que cada vez mais existirão pessoas sem interesse de atuar nesta profissão. Contudo, pesquisas precisam ser realizadas com os diversos grupos de profissionais da educação, para que se possa entender de que forma são atingidos pelo mal-estar, como enfrentam as condições de trabalho, se tem superado o possível adoecimento na profissão e de que forma permanecem.

Os estudos citados no texto nos levam a entender que devido aos conflitos, os docentes parecem não acreditar no trabalho que realizam, mas por falta de opção continuam e muitos chegam a adoecer. O que se pode observar também é a existência de poucos investimentos por parte do poder público na carreira dos professores, o que ajuda a levar os professores a superar os desafios do trabalho por si mesmo, buscando melhores formas de atuar frente às dificuldades encontradas – que dista das expectativas de entender a formação do estudante como algo realizado por várias mãos.

Este estudo nos permite compreender que os docentes têm vivenciado uma intensificação no trabalho, em que cada vez mais é difícil atuar frente aos conflitos e precárias condições profissionais, podendo até mesmo comprometer a saúde do professorado. Sendo a docência, uma profissão de grande relevância na sociedade, porque suas ações têm efeito direto no desempenho de todos os envolvidos, é importante que sempre se busque por uma melhora nas condições de trabalho destes profissionais, no intuito de alcançar um maior comprometimento com a educação, assim como retornos positivos deste processo.

Referências

ALVES, F.C. A (in) satisfação dos professores: estudo de opiniões dos professores do ensino secundário do distrito de Bragança. In: ESTRELA, M.T. (Org.). **Viver e construir a profissão docente**. Porto, Portugal: Porto Editora, 1997.

ARANDA, S.M. **Um olhar implicado sobre o mal-estar docente**. Tese de Doutorado em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 147f. Porto Alegre-RS, 2007.

BIZZO, N. MALACARNE, V. GARCIA, P.B. O percurso formativo, a atuação e condições de trabalho de professores de ciências de duas regiões brasileiras. **Acta Scientiae**, Canoas, v.11, n.2, p.119-140. jul./dez, 2009.

CODO, W. (Org.). **Educação: carinho e trabalho**. 4.ed. Petrópolis, RJ: Vozes/Brasília: Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação: UnB, Laboratório de Psicologia do Trabalho, 2006.

ESTEVE, J. M. **O mal-estar docente: sala de aula e saúde dos professores**. Bauru, São Paulo: EDUSC, 1999.

FORATTINI, C. D. LUCENA, C. Adoecimento e sofrimento docente na perspectiva da precarização do trabalho. **Laplage em Revista**, Sorocaba, vol. 01, n.02, p. 32-47. Mai/ago. 2015.

IMBERNÓN, F. **Formação Docente Profissional: Formar-se para a mudança e a incerteza**. 7ª edição. São Paulo, Cortez, 2009.

LIMA, Viviana Aparecida. **Condição de trabalho e saúde dos professores sindicalizados de ensino fundamental e médio da rede privada de Campinas**. Dissertação de Mestrado em Saúde Coletiva. Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP. Campinas- SP, 2000.

MARCELINO, Ana Lucia G. **Adoecimento docente: Em busca do “Queviver”**. Porto Alegre, 2011. 73f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre – RS, 2011.

MENDES, F. M. P. **Incidência de Burnout em Professores Universitários**. Universidade Federal de Santa Catarina. Departamento de Engenharia de Produção e Sistemas (mestrado), 2002.

MENDES, Olenir Maria. **Os cursos de Licenciatura e a formação de professor: a contribuição da universidade federal de Uberlândia na construção do perfil de profissionais da educação**. Uberlândia, 1999. 199f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa Pós-Graduação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia – MG, 1999.

NÓVOA, A. **Profissão professor**. Porto: Porto Editora, 1991.

_____, A. **Formação de Professores e Trabalho Pedagógico**. Lisboa: Educa, 2002.

_____, A. **Professores: Imagens do futuro presente**. Lisboa: Educa, 2009.

TEIXEIRA, M.S.S. **Histórias de vida de professoras de Ciências Biológicas em Guanambi – Bahia**. Jequié, 2015. 297f. Dissertação (Mestrado em Educação Científica e Formação de Professores) Programa de Pós- Graduação, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB, Jequié-BA, 2015.

ZABALZA, Miguel A. **Os professores universitários. IN: O ensino universitário: Seu cenário e seus protagonistas**. Trad. Ernani Rosa. Porto Alegre. Artmed, 2004

ZANCUL, M.S. O estágio supervisionado em ensino segundo a percepção de licenciandos em ciências biológicas. **Rev. Simbio-Logias**, v.4, n.6, Brasília, dez.2011.